

DOSSIÊ
IGREJA CATÓLICA E
MODERNIDADE
CONTEMPORÂNEA

Apresentação ao dossiê Igreja Católica e Modernidade Contemporânea

A Igreja Católica “una, sancta e romana” e a “circundata varietate” na diversidade contemporânea

*Marcelo Camurça**

A Igreja Católica nos últimos anos vem sendo sacudida por uma marcante crise de caráter institucional e moral que levou à inédita renúncia de um papa dentro do período moderno. Escândalos sexuais, escândalos financeiros acobertados pela hierarquia expuseram-na diante da sociedade, levando-a a um grande desgaste.

Acrescido a isto, nota-se de algum tempo, uma mudança na sua postura e relação com a sociedade moderna em direção aos momentos de maior tensão dos períodos pré-Concílio Vaticano II. Com o advento daquele grande acontecimento na história do catolicismo – o Concílio – em resposta à conjuntura interpeladora dos anos 1960, a Igreja procurou buscar uma estratégia de adaptação à modernidade. Isto se deu por meio de uma renovação litúrgica, de um maior reconhecimento das instâncias autônomas dos domínios laicos do Estado, da ciência e da secularização dos costumes na sociedade maior, além da iniciativa para o diálogo inter-religioso e, por fim, um voltar-se para o social, que na América Latina significou a “opção pelos pobres”.

Todavia, nestes últimos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, a instituição voltou a estabelecer um embate com valores e estilos de vida da sociedade contemporânea, em torno das questões do aborto, da união estável entre homossexuais, da inclusão de direitos sexuais e reprodutivos no rol dos

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora e membro do Comitê de Assesores Científicos da revista Estudos de Religião desde 2003. E-mail: mcamurca@terra.com.br .

direitos humanos, do ensino religioso na escola pública, da implantação de novas tecnologias reprodutivas, das pesquisas científicas com células-tronco, muitas vezes confrontando-se com instâncias estatais laicas e movimentos civis da pluralidade moderna. Esta crise eclesial e de influência religiosa se estendeu também ao “maior país católico do mundo”, deixando um rastro significativo de perdas. Segundo o último Censo do IBGE, o catolicismo no Brasil decresce de 73,8% em 2000 para 64,6% de adeptos na população em 2010.

Por outro lado, não se pode deixar de assinalar a eleição de um novo papa vindo da periferia do mundo com uma mensagem de retomada da vocação para humildade e a pobreza dentro da Igreja, para um enfrentamento de sua crise moral e para uma abertura de diálogo com a sociedade moderna. Além disso, registra-se, ao lado da crise, a manutenção da capacidade mobilizadora da mensagem católica tanto em episódios mais voltados para uma faceta descontraída e liberalizante como a Jornada Mundial da Juventude, quanto em atitudes de caráter conservador e tradicionalista como a grande movimentação que revolveu a França contra a proposta governamental de institucionalização do chamado “casamento gay”.

Para refletir sobre este quadro complexo das relações do catolicismo com a modernidade, *Estudos de Religião* resolveu organizar um dossiê, e tenho a honra de organizar, que conta com colaborações de estudiosos da religião (sociólogos, antropólogos, teólogos e cientistas da religião) numa escala latino-americana e europeia. Essas reflexões, embora referenciadas em postulados acadêmicos, revelam um bias proveniente do país em que foi produzido: reflexões surgidas no Brasil, país de maior concentração de católicos no planeta, da Itália sede do Vaticano e um dos países de maior influência católica da Europa, da Argentina país natal do atual papa.

O artigo do teólogo brasileiro Faustino Teixeira intitulado “Igreja Católica em tempo de transição”, examina as duas modalidades de recepção do Concílio Vaticano II que se desenvolveram após o evento, a renovadora que motivou sua convocação pelo papa João XXIII e que se seguiu a ele no pontificado de Paulo VI e a restauradora que se desenvolveu nos governos de João Paulo II e Bento XVI. O autor analisa na chegada do papa Francisco indicadores de transformação da política conservadora do Vaticano em direção ao espírito inovador do Concílio. A partir de uma acurada hermenêutica dos “gestos e decisões” de Francisco assim como das “resistências” provenientes da burocracia do Vaticano, o autor interpreta que, dentro da sua prudência enquanto jesuíta, o papa vem se movendo, de um lado no sentido de reverter o “vaticano-centrismo” na direção de uma governança de mais colegialidade, e de outro, de retomar os princípios das Conferências dos anos 1960/70 de Medellín e Puebla, de uma igreja voltada para os pobres. Esta perspectiva

se insere numa nova orientação que parece se configurar, segundo o autor, neste pontificado, aquela focada na atividade pastoral e dentro disto com um novo eixo que contempla “o senso de comunidade, o traço da simplicidade e o ritmo da misericórdia”.

O antropólogo Ronaldo de Almeida no seu artigo, “A visita de Francisco e a abertura de compasso”, segue em um tom semelhante, quando procura ressaltar como o desempenho do papa na sua viagem ao Brasil logrou resgatar a autoestima dos católicos, abalada pelos recentes escândalos financeiros e sexuais que ocorreram dentro da Igreja e que têm implicado, entre outras coisas, no nosso país na queda no número de seus adeptos. Ressalta a abertura de seu discurso aos pobres e alteridades estigmatizadas (drogadictos, gays) onde a ênfase se desloca da questão moral (conservadora) para as questões de solidariedade social. Para o autor, há uma mudança de um eixo de referências eurocêntrico que prevalecia em pontificados anteriores. Como Teixeira, ele repercute a opinião favorável de setores da Teologia da Libertação, como Leonardo Boff, aos primeiros atos do papa Francisco. A grande indagação de Almeida é a de como o papa atual irá fazer para dinamizar a estrutura “paquidérmica e hierárquica” da Igreja. Também repara que os temas mobilizados por Francisco são de grande impacto para a América Latina, mas como ele irá aumentar a influência da Igreja em contexto mundial, ou seja, “como seu carisma dialogará com o secularismo europeu, a feitiçaria africana, a cultura consumista norte-americana, a política no mundo islâmico, a indiferença oriental ao cristianismo etc.?”

Numa direção similar, ainda que mais crítica, o artigo do teólogo e cientista da religião brasileiro, Rogério Pamponet, de nome “Cristianismo profético: esperança e utopia em Helder Câmara, Henri Desroche e JMJ do Papa Francisco no Brasil”, dentro da chave do “cristianismo profético”, secundado na “sociologia da esperança” de Desroche e a partir do exemplo histórico de D. Helder Câmara, vê as possibilidades de o discurso profético atravessar a pastoral do papa Francisco a partir do evento das Jornada Mundial da Juventude, embora muitas vezes encoberto pela grande “mídia católica” que “silenciou” na sua cobertura dele, sobre os temas político-sociais em detrimento dos espirituais-celebrativos. Ainda sobre uma avaliação das declarações e atos do papa Francisco, estima que este de um lado se dispõe a renovar as estruturas da igreja e reacender a disposição de solidariedade à pobreza nos católicos, de outro faz reservas a uma atuação explicitamente político-social da Igreja, numa postura que, segundo o autor, guarda ainda um “tom conservador”.

O cientista da religião, Marco Nicolini, no seu texto chamado “Francisco, o Papa latino-americano: carisma, simpatia e pragmatismo nos limites das periferias da existência”, interpreta os recursos do “carisma” e “simpatia”

empregados pelo papa Francisco para fazer frente à crise católica e utiliza a noção de “pragmatismo” para entender a estratégia do pontífice de se acercar das urgências sociais e do pluralismo religioso e identitário contemporâneo. Avalia que a atitude empática do papa para com a pobreza, a juventude e alteridade religiosa e identitária esbarra, contudo numa concepção “institucional” de diálogo que exclui aqueles “sem pertença”, como os “sem religião”, que cada vez mais caracterizam um estilo de vida contemporâneo.

Juan Esquivel Cruz, sociólogo argentino, no seu artigo “Catolicismo y modernidad en Argentina: de la confrontación a la conciliación?” traça um painel histórico do papel do catolicismo na sociedade argentina que cobre o século XX, enfatizando as diversas perspectivas eclesiológicas que se gestaram no catolicismo argentino frente à modernidade: a eclesiologia da neocristandade, a pós-conciliar moderna e social e a da espiritualidade pastoral. Numa análise refinada do momento atual, afirma que, se de um lado, a Igreja Católica perde influência no tecido social como ator religioso, por outro amplifica sua voz no espaço público enquanto religião civil, adquirindo visibilidade como um ator social. Este descompasso parece uma característica da conjuntura argentina. Por fim, no plano mais universal, ressalta como outros analistas deste dossiê, indicadores de “conciliação” com os valores e estilos modernos na atuação inicial do papa Francisco em relação à conduta de “confrontação” dos dois pontífices anteriores.

O artigo do sociólogo argentino. Fortunato Mallimaci de nome “Crisis del catolicismo y un nuevo papado: Bergoglio antes de ser Francisco y el sueño del papa propio en Argentina”, enfoca uma perspectiva histórica e sociológica, primeiramente, a crise institucional da Igreja Católica, enquanto um esgotamento de um modelo de Igreja como “instituição patriarcal, organização piramidal e de verdade única”. Dentro disto as incompatibilidades desta visão religiosa integral com a sociedade pluralista moderna que se traduziu no enfrentamento no século XIX com o liberalismo, no século XX com o comunismo e no século XXI com o chamado relativismo e consumismo. No entanto, no caso da Argentina e da América Latina em geral, em que a modernidade foi construída entrelando-se os universos: político e religioso (católico), a eleição de um compatriota do continente a um posto universal, pode significar a ativação deste imaginário religioso-político-estatal em proveito de um projeto de sociedade nestes moldes (mesmo que, como no caso da Argentina, esta seja uma sociedade secularizada, plural e com um Estado democrático. Aqui um pouco da contradição que Esquivel Cruz também chama atenção). Em segundo lugar, o texto traz um minucioso relato da trajetória biográfica de Jorge Bergoglio, de sua época de sacerdote até cardeal e bispo de Buenos Aires. Chama a atenção sua identificação

com um modelo de clérigo argentino ligado a um projeto de catolicismo “integral, social, romano, antiliberal” e voltado para a “cultura e identidade nacional”. Aqui pode se resumir sua perspectiva de atuação “nas ruas”, por fora de um “clericalismo” estrito, “sem símbolos suntuosos”, voltada para os desprotegidos, fragilizados, mas extremamente crítico do pluralismo, da democracia liberal, ao equiparar como as grandes instituições da nação, o Estado nacional e a Igreja católica. Termina com a indagação do quanto de Bergoglio se projetará em Francisco, e de quanto a estrutura da Igreja ou cargo carismático de papa influenciará nele, no sentido de corresponder aos grandes anseios de transformações de amplos grupos de católicos.

O sociólogo argentino Aldo Amegeiras no seu texto “Iglesia Católica y modernidad contemporánea: una mirada desde Latino América”, avalia que a Igreja Católica na sua condição de instituição religiosa modelar espelha tanto as estratégias de adequação, resistência e enfrentamento com a modernidade contemporânea, quanto à crise estrutural que vivem as organizações religiosas na atualidade. No entanto, ressalta também as especificidades da crise católica e seus problemas cruciais: a necessidade de sua democratização, a extensão do sacerdócio às mulheres e a existência do celibato opcional. No caso da América Latina, aponta o quadro da perda de seu monopólio religioso com o conseqüente pluralismo e a diminuição de sacerdotes e de membros. O artigo analisa de forma clara: a relação da Igreja com a modernidade, de maneira geral e no contexto da América Latina, de modo particular. Em seguida, as singularidades da crise atual do catolicismo e por fim os primeiros passos do papa Francisco na condução da Igreja. Nesta particular, ressalta aspectos de continuidade e ruptura de Francisco em relação a seus antecessores. Interessante como chave de análise sobre o pensamento e conduta do Papa Francisco é ideia de que ele praticaria uma “teologia do povo” – oriunda de uma “Escola Argentina de Teologia” – que considera o povo e o pobre, de maneira distinta da conhecida Teologia da Libertação que vicejou na América Latina dos anos 1970 a 1990. Esta teologia estaria ancorada na realidade da “cultura popular”, o mundo do povo e dos pobres, produto de uma tradição autêntica onde concorreram para sua formação uma história e a cultura de longo curso. Esta “cultura popular” muitas vezes entraria em contradição com a modernidade, a segunda enquanto uma cultura de elite afastada e impositiva à primeira (aqui podemos constatar semelhanças com a análise de Mallimaci). O autor conclui seu texto indagando das possibilidades de continuidade ou ruptura na estrutura da Igreja sob Francisco, ou numa terceira via: a mudança com continuidade.

Por fim, o sociólogo italiano Enzo Pace no seu artigo “Habemus Papam. Jorge Mario Bergoglio frente à crise sistêmica da Igreja una, santa, católica

e romana”, chama a atenção, como nos textos anteriores, sobre a tensão e a necessidade de adequação da Igreja à modernidade que vem desde o Concílio Vaticano II. Estima que duas reformas se fizeram necessárias à época: a reforma litúrgica e a reforma da estrutura piramidal da Igreja em direção a um modelo federativo. A fórmula vitoriosa no Concílio foi a de conservar o modelo romano, no entanto, acolhendo em vários aspectos vetores de modernidade para dentro dele. A eleição de Francisco neste contexto de crise alongada e agravada coloca como desafio para ele – mas que dar conta dos escândalos conjunturais – é reestruturar o modelo centralista romano (como padrão universal) de Igreja diante de uma diversidade católica e religiosa cada vez maior no mundo. Neste sentido, aponta quatro desafios a serem enfrentados pelo novo papa: dois externos – a questão da justiça social e a questão da bioética – e dois internos – a questão da hierarquia de poder na Igreja, na relação desigual: clero-leigos e a questão moral e de gênero: o celibato dos padres e o ingresso das mulheres no celibato (já mencionados no texto de Amegeiras). Conclui falando das expectativas em termos do futuro da Igreja sob o comando do papa Francisco, lembrando que ele, Jorge Bergoglio, enquanto argentino provavelmente deve ser leitor do romancista Jorge Luis Borges. Desta forma, poderia levar em conta o conto do romancista, “Aquiles e tartaruga”, estabelecendo uma afinidade eletiva entre a Igreja como um pretense Aquiles invencível e a marcha contínua, lenta e inexorável, mas vitoriosa da secularização na figura da tartaruga

A partir do ponto comum da crise católica e de sua necessidade de ajustamento à dinâmica da modernidade, essas ricas contribuições com suas ênfases diferenciadas, suas concordâncias e discordâncias de análise, poderão levar o leitor a aclarar suas ideias frente aos complexos e intrincados desafios da Igreja Católica no mundo moderno sob o pontificado do papa Francisco que se inicia. Boa leitura a todo (a)!